



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente de El Salvador, Mauricio Funes

São Paulo-SP, 09 de agosto de 2010

_____: Boa tarde a todos, e vamos direto, dado o adiantado da hora, para as perguntas. Alan Severiano, Rede Globo.

Jornalista: Presidente Lula, como represento vários colegas, temos pelo menos duas perguntinhas aqui, mas o senhor pode responder com brevidade. A primeira é sobre o novo presidente da Colômbia, que deve vir ao Brasil agora, em setembro, e que tem um encontro amanhã com o presidente Chávez. O que o senhor espera dessa nova relação entre Colômbia e Venezuela? O senhor imagina uma nova era diplomática na América Latina? O que [como] o senhor imagina que será o combate às Farc a partir de agora?

A outra pergunta é sobre uma reunião com os seus ministros, que o senhor teria convocado para amanhã, já, e a gente gostaria de saber qual será a pauta desta reunião, se é balanço de governo, eleição, transição pra o próximo presidente? Obrigado.

Presidente: Eu vou começar pela mais difícil que é a dos ministros. O problema, o problema... a reunião, amanhã, é uma reunião... vai ser uma reunião curta, é apenas uma reunião de aviso aos companheiros ministros, que nós temos um tempo pela frente – quatro meses e vinte e poucos dias de governo –, e eu não quero que ninguém afrouxe um minuto a sua capacidade de trabalho. Nós precisamos trabalhar mais, porque nós temos que entregar tudo o que nós tivermos que entregar de obra até o final do nosso mandato e, se a gente deixar, os ministros começam: “Bom, está chegando no final do



mandato. Na segunda-feira, eu já não vou de manhã; na terça, à tarde, não é muito bom trabalhar; na sexta, é melhor ir para o meu estado; na quarta...”. Eu não quero isso, eu quero que as pessoas, junto comigo, assumam a responsabilidade de dedicar cada minuto, cada hora desse mês... desse final de ano para trabalhar.

Não vou pedir para nenhum ministro fazer campanha política, cada ministro tem que ser ministro. Se alguém quiser fazer campanha depois do seu expediente, vá de carro particular, faça o que quiser, mas eu os quero trabalhando. Eles foram escolhidos por mim pra serem ministros, e eu quero... tem muita coisa para acontecer no Brasil, e eu não quero que aconteça o que acontece em fim de governo, ou seja, tem gente que para de trabalhar, tem ministro que não vai mais, o governo não cobra mais, e eu quero cobrar desses companheiros até o último... até o dia 31 de dezembro, na hora que tiver 11 horas e 59 minutos, aí eu vou parar de cobrar deles. Mas eu quero... Acho que o Brasil merece que a gente conclua as coisas que nós começamos e deixar bem preparado para depois – essa é a questão dos ministros. Vai ser uma reunião muito curta, uma reunião que vai demorar, no máximo, duas horas, porque eu não vou nem deixar eles falarem, só eu vou falar. Então...

Segundo, veja, eu sou um otimista inveterado com relação à possibilidade da construção de paz, sobretudo entre a Venezuela e a Colômbia. Eu acho que é preciso separar as coisas porque, primeiro, acho que tanto a Colômbia quanto a Venezuela têm que cuidar de restabelecer a harmonia entre os dois Estados, ou seja, voltar à normalidade política, voltar as embaixadas a funcionarem, o comércio a funcionar. Eu acho que é isso que precisa ser feito em um primeiro momento.

A questão das Farc é uma questão que diz respeito somente à Colômbia. Se um país como o Brasil, ou a Argentina, ou qualquer outro quiser ajudar, nós só nos moveremos se a Colômbia pedir alguma coisa; se não pedir, é um problema interno da Colômbia que tem que ser resolvido pela Colômbia.



Portanto, não me pergunte como é que o Presidente vai agir daqui para frente, porque eu acho que a paz é a única... Eu disse, agora no discurso com o companheiro Maurício, que existe um milhão de razões para a gente justificar a paz e não existe uma única para a gente justificar uma guerra. Então, eu acho que o povo da Colômbia quer paz, como o povo brasileiro, como o povo de El Salvador, e eu peço a Deus que o presidente Santos tenha sorte nessa reunião que vai ter com o Chávez para resolver a relação Colômbia-Venezuela e espero que Deus o abençoe e que ele consiga construir a paz que todo mundo quer na Colômbia.

Jornalista: Vai precisar de sorte, Presidente, o presidente Santos?

Presidente: Eu acho que vai precisar de sorte, todo mundo precisa de sorte, todo mundo precisa de sorte. E eu acho que ele é um homem que tem experiência, porque ele já foi ministro da Indústria, já foi ministro da Fazenda, já foi ministro da Defesa, ele conhece muito a máquina, conhece muito o problema da relação com as Farc. Portanto, eu penso que ele tem possibilidade de resolver o problema. Sempre que entra um governo, a gente acredita que pode acontecer uma coisa boa, porque é um novo governo, é um novo momento, e eu acho que o povo colombiano espera muito um dia poder viver em paz dentro do seu território.

_____: Colega Nacho Castillo, Canal 33, El Salvador.

Jornalista: (em espanhol)

Presidente Maurício Funes: (em espanhol)

_____: José Sérgio, TV Bloomberg.



Jornalista: Presidente, boa tarde. Eu tenho duas perguntas, na verdade: uma é com relação a esse acordo fechado, hoje, entre o Banco do Brasil e o Bradesco, para oferecer serviços bancários na África – isso casa bem com que o senhor estava falando hoje mais cedo –, também gostaria que o senhor comentasse a participação... a expectativa de aumento da participação da Caixa Econômica Federal na Cielo e, por último, os seus comentários sobre a pesquisa Focus, de hoje, que mostrou que o mercado está esperando... está projetando uma taxa de inflação e uma taxa de juros menor para o final deste ano. Obrigado.

Presidente: Bom, primeiro, eu fico feliz com a última pesquisa Focus. É o que eu quero, é o que eu quero: menos inflação, menos juros, mais empregos, mais salários, mais renda para todo mundo. Eu e todo mundo deseja isso.

Segundo, a questão... eu fiquei muito feliz com o acordo que o Banco do Brasil fez com o Bradesco e com... também com o Banco Espírito Santo. Eu fiquei feliz. Todo mundo do meu governo sabe que é um desejo que eu venho trabalhando para que os bancos brasileiros, não apenas os bancos públicos, mas os bancos privados, adentrem a América do Sul, a América Latina e a África. O Brasil tem muitas... tem uma balança comercial razoável e a ida de um banco lá vai facilitar a vida dos brasileiros que moram lá, vai facilitar a vida dos nossos exportadores, dos nossos importadores. Então, eu fiquei muito feliz, foi um passo muito importante, depois da Argentina, a gente entrar nessa parceria com o Bradesco-Espírito Santo na África.

Nós temos mais pretensões de ir para outros lugares, para que a gente tenha uma presença maior. E fico feliz com a Caixa, também, porque quem é brasileiro, Maurício, esses bancos, na década... há 15 ou 20 anos, esses bancos só apareciam nos jornais, no final do ano, como bancos deficitários. Hoje, esses bancos estão tendo lucro. Eu vou dar apenas um exemplo para os



empresários: a Caixa Econômica Federal, em 2003, tinha para financiar R\$ 5 bilhões; no ano passado, financiou 47 e, neste ano, estamos chegando já a 34, no primeiro semestre, estamos pensando em chegar a 60. Ela tinha apenas 70 bilhões de crédito, hoje tem quase 282 bilhões de crédito. O Banco do Brasil, hoje, tem de crédito, sozinho, tudo que o Brasil tinha quando eu entrei no governo – R\$ 380 bilhões. Então, eu acho que é uma alegria imensa ver que está todo mundo se acertando, todo mundo ganhando um pouco. De vez em quando, aqui no Brasil, perguntam assim para mim: “Mas Lula, você é um metalúrgico. Como é que os bancos estão ganhando dinheiro no seu governo?”. Eu digo sempre: graças a Deus, os bancos estão ganhando dinheiro, porque quando eles não ganham dinheiro, eles dão mais prejuízo. Veja o aconteceu com Lehman Brothers, nos Estados Unidos. Se ele não tivesse quebrado, tivesse tido um lucrozinho, não tinha levado quase US\$ 700 bilhões do Estado. Todo mundo aqui se lembra da quebraadeira dos bancos brasileiros, o prejuízo que deu aos cofres públicos. Então, eu quero que eles tenham lucro e não prejuízo. Por isso eu fico feliz.

A outra pergunta que o companheiro fez, já respondi as duas. Nada como...

Mas eu queria dar um “pitaco” na pergunta que o companheiro fez para o Maurício Funes. Dizer ao companheiro jornalista que fez a pergunta ao Maurício sobre a questão de confiança: veja, uma coisa que a gente só aprende com o tempo e com a idade, e aos 64 anos, de cabelos brancos, barba branca, no final de mandato, eu aprendi que a pior coisa que pode existir no ser humano, a pior coisa, não tem doença mais grave no ser humano do que o preconceito. Você não gostar de uma pessoa sem você conhecer a pessoa; você não gostar de uma pessoa porque alguém disse que aquela pessoa tem determinados defeitos. Ora, a pessoa pode não ser boa para aquela que botou defeito, mas converse.

Então, eu penso que aqui, no Brasil, nós quebramos todos os



preconceitos que poderíamos quebrar, todos. Tanto é que as pesquisas de opinião pública de apoio ao governo têm apenas 4% de ruim e péssimo, ou seja, tem 96% de pessoas que apoiam o governo. Eu acho uma coisa extraordinária que nós tenhamos vencido. Obviamente que nunca vai acabar o preconceito, mas o Benjamin disse muito bem no discurso dele: “Na hora em que a gente se conhece, na hora em que a gente começa a trabalhar, na hora em que a gente começa a conversar, a gente percebe que não existe ninguém 100 por cento bom, nem ninguém 100 por cento ruim. O que nós precisamos é apenas extrair de cada um aquilo que ele tem de bom, e trabalhar com aquilo”.

Então, eu acho que, em El Salvador... eu, sinceramente, posso dizer de coração aos companheiros empresários de El Salvador: o Maurício é uma chance extraordinária de vocês fazerem uma coisa extraordinária em El Salvador. E preste atenção em uma coisa, gente. Eu fico feliz quando o Benjamin reconhece isso, eu fico muito feliz, porque no auge de crise, quando as manchetes dos jornais no mundo inteiro, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro, eram de catástrofe, quando as manchetes, no mundo inteiro, diziam que o mundo estava quebrado, que o povo não iria comprar, que o comércio não iria vender e que iria aumentar o desemprego, no dia 22 de dezembro de 2008, eu fui, em rede nacional, fazer apologia do consumo. Eu, que passei 30 anos da minha vida sendo contra a sociedade de consumo, fui simplesmente dizer ao povo brasileiro: se você está com medo de fazer compra, perder o seu emprego e não pode pagar, eu queria lhe dizer “compre, compre, porque se você não comprar, aí, sim, você vai perder o emprego, porque você não comprando, a loja não vai comprar da fábrica, a fábrica não vai produzir, e aí quem vai...”. E o povo atendeu. Foi a primeira vez em que a gente descobriu nas pesquisas que os pobres compraram mais do que a classe média alta. Por quê? Porque, pela primeira vez, os pobres tiveram poder de compra. Essa é uma coisa extraordinária e que...



Ainda nesta semana, eu vi uma pesquisa que mostrava que a classe D tinha mais dinheiro para consumo do que a classe B. Sabe o que foi? É a parte pobre, que só passava na loja olhando, aquela que só passa na loja... Vocês já viram frango, *pollo*, na frente de um bar, assando? Pobre, antigamente, passava e só olhava, dava uma lambida na língua, engolia a saliva e ia embora para casa olhando aquele *pollo*. Hoje, não. Hoje ele para, compra, ou vai à casa, ao açougue, e compra.

Então, é isso que mudou o Brasil, é isso que eu desejo para El Salvador. Na hora em que a gente vai crescendo e vai distribuindo um pedacinho desse bolo com todo mundo, os empresários vão ganhar mais dinheiro, vão gerar mais empregos, vão gerar mais consumo e todo mundo vai ficar melhor. A experiência do Brasil, eu acho que ela, no começo, era uma teoria; agora, é muita prática e muita coisa para as pessoas aprenderem. E também, Maurício, uma coisa: eu fiz, em oito anos, 72 conferências nacionais, conferências com empresários. Na crise econômica, o meu Ministro da Fazenda – o Benjamin sabe – criou um grupo de crise em que, toda semana, a gente se reunia com um grupo de empresários para avaliar a crise, qual o setor que precisava tomar medida, qual... e, portanto, quem tinha preconceito e que dizia: “Ele errou quando disse que era uma marolinha, essa crise vai ser profunda. Eu, agora, quero ver se o Lula sabe governar ou era só sorte mesmo”. As pessoas percebem que quem dorme demais não tem sorte; agora, quem trabalha demais, como nós trabalhamos, a sorte está todo dia à minha porta, e todo dia eu rezo para ter mais sorte. Agora, eu to rezando para viver até os 100. É isso. Tchau, gente.

(\$31FGJLMP)